

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE

Lucila dos Santos Vales

PEQUENO DICIONÁRIO REGIONAL DE LIBRAS PARA ARTES

Porto Alegre

2008.

Lucila dos Santos Vales

PEQUENO DICIONÁRIO REGIONAL DE LIBRAS PARA ARTES

Trabalho de conclusão a ser apresentado como requisito para a obtenção do título de Especialista em Pedagogia da Arte.

Orientador:

Prof. Dr. Sérgio Andrés Lulkin

Porto Alegre

2008.

DEDICATÓRIA

Quero dividir a dedicação deste trabalho a pessoas especiais que foram marcantes em minha vida.

Aos meus amigos Ana Paula e Luis Daniel, que muito me ajudaram durante todo o projeto, de forma especial.

À Denize, pelo esforço e grande colaboração na realização do trabalho.

À minha família, pelo grande apoio. Especialmente meus pais e meu marido William.

Aos intérpretes de Libras que interpretaram com muita dificuldade as aulas de Arte Visual.

MINHA GRATIDÃO:

A Deus, pelo cuidado com o meu caminho, minha saúde e por ter me dado sabedoria para a conclusão desse curso.

Aos Pais, pelo incentivo e apoio financeiro que possibilitou a conclusão do curso.

Aos mestres, pelo carinho dedicado a mim. Em especial, professor Orientador:
Prof. Dr. Sérgio Andrés Lulkin

Aos colegas de Curso, pelo companheirismo e amizade.

Ao William, pelo amor e dedicação.

À Denize, Adriana, Ana Paula, Luis Daniel e Marlei, pela ajuda incansável durante a realização da pesquisa

À Adriana, porque em muitos momentos estive ao meu lado me ajudando na construção do meu conhecimento.

Aos intérpretes de Libras que interpretaram com muita dificuldade as aulas de Arte Visual.

RESUMO

Título: Pequeno dicionário regional de LIBRAS para Artes

Autor: Lucila dos Santos Valles

Orientador: Prof. Sérgio Lulkin

Palavras-chaves: Língua de Sinais, Cultura, Educação de surdos.

Resumo: Este trabalho de conclusão consiste na elaboração de um dicionário regional de Arte em LIBRAS. É uma pesquisa realizada com professores de Educação Artística em escolas de surdos de Porto Alegre e também com intérpretes de LIBRAS, profissionais que vêm atuando em diversos níveis com surdos em disciplinas referentes à arte, tanto em escolas como Universidades. Frente às necessidades crescentes dos surdos quanto ao acesso à educação e à cultura, este trabalho se define como um passo a mais nas propostas contemporâneas de inclusão social e respeito à diversidade. Com vistas a ampliar o vocabulário da LIBRAS e difundir o conhecimento da arte entre os surdos, este Pequeno dicionário Regional de Arte em LIBRAS visa atender às demandas de professores, intérpretes e alunos. Dentro da perspectiva dos Estudos Surdos e valendo-se do entendimento da língua de sinais como pertencente ao universo da cultura visual, o trabalho efetua um levantamento e posterior criação de sinais novos a fim de ampliar as possibilidades de discussão dos temas artísticos em LIBRAS.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	6
2.ORIGENS DA PROBLEMÁTICA	10
2.1 MEUS CAMINHOS.....	11
2.2 CAMINHOS QUE SE CRUZAM	13
3.A CULTURA SURDA E O VOCABULÁRIO ESPECÍFICO	15
3.1 CULTURA SURDA E A VISUALIDADE.....	19
3.2 ARTEFATOS CULTURAIS SURDOS	23
3.3 ARTE E LINGUAGEM.....	25
3.4 LÍNGUA DE SINAIS E METODOLOGIA ESPECIFICA	28
4. A INVESTIGAÇÃO	30
4.1 OS PROFESSORES DE SURDOS - OUVINTES	31
4.2 PROFISSIONAIS SURDOS	32
4.3 REUNIÃO PROFESSORES SURDOS.....	33
4.4 SIGN WRITING	35
4.5 LINGUAGEM E PODER SURDO	38
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	42
7.ANEXOS	44

INTRODUÇÃO:

A presente monografia propõe um debate acerca dos sinais utilizados no ensino da disciplina de Artes em diversas instâncias investigadas; bem como faz um apanhado dos sinais que estão em uso nestas instâncias e alerta para a urgência da criação de novos sinais para que as discussões sobre a arte possam ser percorridas mais fluentemente na Língua de Sinais. Como língua, a LIBRAS, amplia-se e consolida-se, necessitando de um debate em relação ao seu vocabulário, onde a disciplina de Artes deverá ser inserida, buscando-se através de discussões com educadores e profissionais da área o sinal e seu significado. Como resultado dessa discussão se buscará elaborar um software para facilitar a consulta ao vocabulário.

Os sinais específicos para a área de Artes parecem estar se fazendo cada vez mais necessários, devido à recente formação de profissionais surdos que ministrem aulas de Artes para surdos. Não que necessariamente tenha sido um surdo a perceber as lacunas no vocabulário em LIBRAS, mas somente os surdos, usuários fluentes deste idioma, serão capazes de elaborar e discutir com domínio sobre o assunto, além disso, são os surdos acadêmicos que sentem mais intensamente a defasagem dos sinais faltosos no domínio dos saberes científicos e artísticos, devido à sua constante necessidade de tradução do que está sendo exposto nas aulas das universidades. O surdo teve toda a formação básica como Ciências, Estudos Sociais, etc., efetuando como que traduções daquilo que consegue depreender do que é ensinado pelos professores ouvintes. É natural que em um contexto acadêmico esta defasagem se demonstre de maneira mais marcante, como o meu próprio exemplo, que tive minha formação superior com disciplinas como Filosofia da Arte, Estética e História da Arte. As informações em LIBRAS são fundamentais e facilitam o entendimento e constroem um maior significado sobre o explicado, entretanto verificam-se lacunas neste processo. Eu sou um exemplo de pessoa que esteve com a questão dos sinais específicos sempre presente e problemática. A maioria dos professores que ministram Artes

para surdos não tiveram sequer uma formação acadêmica voltada para a questão lingüística do surdo, e ainda, o que é compreensível por estes professores não estarem envolvidos com as questões surdas, parecem não ter a sensibilidade para perceber as lacunas que devem ser preenchidas em termos lingüísticos. É uma questão de vivência, mas também uma questão de contingências sociais. O surdo tem sua cultura própria e sua comunidade desenvolvendo particularidades próprias desta vivência e convivência com seus pares que sofrem as mesmas defasagens. Antes de mim poucos surdos estiveram em contato com fundamentos e elementos tão diversos deste campo de produção humana, o que dificultou o surgimento de sinais específicos nesta e em diversas outras áreas.

Sendo o universo de escolas de surdos muito pequeno em Porto Alegre, minha pesquisa acontecerá também na cidade de Novo Hamburgo e além disso contará com depoimentos de profissionais da área, professores e intérpretes, que ajudarão a elucidar a importância da criação dos sinais e como isto pode ser feito. Decidi-me pelo município de Novo Hamburgo como mais uma realidade a ser investigada, pois aconteceu de eu querer entrevistar um professor e ele também trabalhar em outra escola que eu já havia investigado. Deixo claro que vontade tinha de realizar um levantamento maior, porém torna-se inviável pela quantidade de municípios e também pela escassez de tempo. Pretendo, outrossim, fazer futuramente uma pesquisa mais aprofundada e inclusive propor um encontro de profissionais envolvidos na área das Artes para surdos. Este encontro seria muito importante, pois possibilitaria um olhar mais próximo e profundo em relação ao trabalho com as artes, contaria com a presença de profissionais ouvintes e surdos, que estejam trabalhando com a disciplina de Artes.

Penso que deve ser crescente a produção em Língua de Sinais, por isso futuramente será importante em criarem-se estratégias para ensinar aos profissionais ouvintes a como passarem os conteúdos de artes para os surdos, como explicar questões relativas aos estilos, os movimentos artísticos, que acredito ser fundamental para que os surdos consigam se aproximar ao pensamento da arte.

O *Pequeno Dicionário Regional de LIBRAS para Artes* não pretende ser exaustivo, pois não tem como proposta fechar a discussão nem mesmo determinar conclusivamente os sinais que deverão ser utilizados daqui para frente. O que pretendo demonstrar é que os sinais são um ponto de início de uma série de

discussões e de apropriações que os surdos devem efetuar para que a Arte como disciplina esteja contemplada em nossa cultura. Desejo chamar a atenção para um imenso trabalho a ser realizado por professores, alunos e surdos em geral, que, ao se apropriarem das discussões na área da Arte, irão promover interesses, criar conflito onde antes não havia sequer visibilidade, pois os sinais surgirão das demandas do uso da língua sendo aceitos ou recusados conforme sua pertinência e apropriação pelos surdos. Esta pode ser considerada como mais uma estratégia das comunidades surdas em favor de um descentramento da oralidade através da apropriação lingüística de elementos da cultura geral. Esta seria, apesar de tomar para si temáticas que são próprias do universo dos ouvintes e das línguas orais, uma maneira de legitimar a cultura surda através de sua imbricação em discussões acadêmicas. Para Sá (2006, p. 113), esta política da língua é um elemento que consolida a expressão da cultura:

A cultura se expressa através da linguagem, dos juízos de valor, da arte, das motivações, etc., gerando a ordem do grupo, com seus códigos próprios, suas formas de organização, de solidariedade, etc. As culturas são recriadas em função de cada grupo que nelas se inserem. Os surdos são um grupo minoritário que está lutando para que sua cultura seja incluída, no contexto social, como legítima.

Muitas vezes, durante minha formação, percebi que faltavam diversos sinais e que o conhecimento dos intérpretes em relação à área das Artes sempre era fundamental. Ao ir aprendendo conceitos, nomes de artistas, os sinais geralmente acabavam por se identificar com sua própria obra, por uma característica que destacava, porém usava somente com uma colega de faculdade também surda. Fui notando que praticamente a totalidade daqueles conceitos eram para mim novos. Mas percebi que os ouvintes tinham muitas daquelas referências. Minha irmã mais nova que eu, era na época da faculdade estudante secundarista, e lembro de ela conhecer alguns artistas, alguns conceitos, com os quais eu estava lidando pela primeira vez. Então percebi a diferença: para os ouvintes as palavras eram conhecidas, mesmo que a obra, o artista ou o conceito não fosse por eles conhecido profundamente, porque que o surdo não poderia também conhecer?

A minha idéia de criar um dicionário para as palavras específicas para a área das Artes é antes de tudo política: para que os surdos entrem nas discussões acadêmicas é preciso haver maneiras de falar sobre assuntos acadêmicos. Para que os surdos principalmente das escolas de ensino fundamental e médio possam se

apropriar de uma forma de discurso e experiência que é muito importante inclusive para a formação de uma consciência de si como membro de um grupo, de um povo, os surdos. Para o povo surdo, uma solução freqüentemente evocada é a solução lingüística, pois aponta para uma possibilidade de mediação dos conceitos que devem ser apreendidos por nós.

2 .ORIGENS DA PROBLEMÁTICA

Quando nomeamos as *coisas*, há algo de criação neste ato, a linguagem torna possível falar sobre algo, torna presente o antes era obscuro. Para Rossete (2006), a filosofia de Heidegger nos ajuda a ter claro o quanto é importante se falar em palavras enquanto aquilo que produz o mundo, como uma realidade que é a abertura para o ser. Mas para que a língua seja criação, seja acesso ao ser, é necessário que se tenha uma rede móvel de demonstrações destas palavras, no meu caso, os sinais. É preciso que estes sinais estejam ao alcance do poeta, para que este possa poetizar. Isso só se faz investigando, duvidando, perguntando aos alunos e professores como eles sentem as necessidades do uso de sinais específicos.

O que eu faço nesta pesquisa é trazer à tona esta discussão a partir da experiência de dois professores que dão aulas em escolas de surdos e são ouvintes também relembro algumas questões que trago desde minha escolarização.

As experiências e vivências do contato com outros surdos foram, e continuam sendo, muito importantes em minha vida. Lembrando o que eu coloquei acima sobre Heidegger e a produção (*poiesis*) da palavra, lembro que a arte não é apenas limitada a uma ação discursiva sobre algo, mas é anterior, envolve sensações, sentimentos e experiências que transcendem o lógico, por isso este primeiro intento de sanar lacunas deve estar atento a contingências que estão por ora impossibilitadas de aparecer, pois deverão entrar no jogo lingüístico, nas experiências surdas com a arte e depois proporcionar falas mais adequadas. A partir do conhecimento, da apropriação e da utilização da Língua de Sinais, passei a ressignificar minha própria história, compreendendo conceitos antes nunca imaginados, assim acredito que será também com os surdos das gerações

posteriores a mim, eles irão experimentar a arte, uma fala sobre a arte e depois enunciar seus entendimentos.

A criação de novos sinais para contemplar o estudo de Arte em Língua de Sinais assume uma dimensão não apenas pedagógica, mas é também uma possibilidade de vida para os surdos. Como assim vida? É que através da Arte, as pessoas podem acessar sentimentos e proposições que dizem respeito à alma, à criação, a coisas singulares que fazem parte de séculos de história ocidental. Por isso se os surdos ficarem apartados destas criações, que tão bem denotam a cultura, eles serão ainda mais excluídos de processos de realização do ser humano.

2.1 MEUS CAMINHOS

Comecei a despertar o gosto pela Arte Educação ainda nas experiências dentro da escola Concórdia, que é uma escola de surdos de Porto Alegre. Gostava de poder me expressar através das infinitas possibilidades que a arte nos traz. E decidi que queria fazer Artes Visuais como formação superior, na ULBRA, em Canoas.

No entanto, quando começamos a estudar os conceitos e a história da Arte, percebi que o ensino desta disciplina dentro da Escola de Surdos é muito limitado, sendo que apenas as informações mais básicas são passadas aos alunos, e a falta de sinais específicos agrava muito esta situação.

A partir disso, emerge a possibilidade de se pensar no “*PEQUENO DICIONÁRIO REGIONAL DE LIBRAS PARA ARTES*”, para usuários de Libras como uma nova proposta de apoio didático para a comunidade Surda, profissionais e pessoas envolvidos nesta área. Neste trabalho eu busquei registrar alguns dos sinais ligados ao ensino de Artes e suas respectivas conceituações, criando assim um entendimento dos conceitos, facilitando sua tradução para a Língua de Sinais. Pretendi, ainda, mostrar a dificuldade de encontrar sinais específicos para Artes, bem como, através de uma discussão entre diferentes profissionais que atuam diretamente com a Língua de Sinais, para harmonizar os sinais buscando viabilizar a significação e o entendimento de conceitos nesta área. Exponho aqui a lista dos conceitos que já existiam em LIBRAS para designar elementos cotidianos das aulas

de artes nas escolas, e os conceitos que julguei serem importantes para que o trabalho fosse iniciado:

Um dos principais motivadores do meu interesse por esta pesquisa dá-se a partir do fato de que sou uma profissional surda, graduada para o ensino da Arte, e como tal, vivencio diariamente esta dificuldade. A partir da conceitualização dos estudos em cultural visual eu problematizo a questão da língua de sinais como língua visual/gestual e entendo os processos de significação da Arte em Língua de Sinais como dentro da tendência contemporânea de realização da cultura através da imagem.

Como sou surda, conheço os problemas que os surdos enfrentam em relação à leitura de textos escritos, por isso tive a idéia de fazer um DVD com os sinais pesquisados e anexá-lo ao meu trabalho de conclusão.

Já foram criados dicionários da Língua de Sinais anteriormente, mas não têm o mesmo caráter da presente pesquisa. Primeiro que esta pesquisa diz respeito a uma área específica e não pretende ser absoluta. Os sinais são regionais e respondem a uma questão pedagógica, mas não menos cultural. Além do mais, o DVD que acompanha este trabalho é ilustrativo, traz os sinais em movimento, coisa que não aconteceu nos dicionários anteriores.

Além disso, este trabalho tem a pretensão de se tornar uma pesquisa maior daqui pra frente. Em se tratando de uma questão cultural, mais especificamente do ensino da Arte, o trabalho é de pesquisa e não apenas de um léxico que vá atender necessidades imediatamente solúveis. Sabemos que os sinais utilizados são apenas um primeiro passo para que os professores possam efetivar um ensino de Artes com qualidade e que tenha em vista a emancipação dos surdos como comunidade cultural.

2.2 Caminhos que se cruzam

É importante salientar que a dificuldade em compreender os conceitos da Arte não é apenas vivenciada pelos surdos. Também os professores ouvintes, intérpretes e pessoas ligadas às artes e à Língua de Sinais sentem esta limitação que dificulta a

comunicação do assunto em questão. Os ouvintes têm a possibilidade de pensar em Português, e de lidarem exclusivamente às imagens sonoras que são produzidas na fala e com isso não se preocupam em pensar conceitualmente em LIBRAS. Já que os ouvintes têm os recursos lingüísticos para tal, têm a dificuldade em pensar algumas coisas em LIBRAS por não serem fluentes nesta língua, e pensam a maioria das coisas em Português. Diferentemente, os surdos se vêem obrigados a pensar somente com aquilo que dispõem, isto é, a língua de sinais. Este é um recurso precioso, é muito importante que se repassem os sinais ao intérprete profissional, para que o mesmo conheça mais especificamente os recursos lingüísticos de que necessitamos. Bem como os professores devem estar atentos às formas corretas de expressar aquilo que ensinam.

Através de minha experiência na formação acadêmica percebi a importância de discutir com os intérpretes esta problemática com quatro intérpretes, cujas entrevistas foram filmadas e estão contidas no DVD que acompanha este trabalho de conclusão. Também verifiquei que os professores, sentindo ainda mais a dificuldade com a língua, se sentem um tanto desnorteados e sem apoio.

Nas conversas com os intérpretes, verifiquei que suas falas todas convergem para o mesmo ponto: a falta de sinais e mesmo de estratégias de aproximação do que é falado em Português e a LIBRAS. Sendo os intérpretes profissionais habilitados para traduzir integralmente falas, textos e elementos discursivos diversos, percebi que a questão pontual deste dicionário é o início de uma discussão mais ampla que deve aproximar os intérpretes e professores, para uma solução adequada em termos didáticos.

Neste tempo em que vivemos que a imagem é um recurso abundante e de fácil acesso, acredito que os processos de criação dos sinais específicos estarão sempre envoltos nesta teia imagética contemporânea, isto quer dizer que as experiências que temos com a arte não podem estar desvinculadas de nosso tempo. Um sinal para *barroco*, por exemplo, não estará necessariamente ligado a uma raiz etimológica da palavra em Português, ou em Francês, mas estará ligada às questões visíveis para os surdos. Isto prova que os sinais propostos neste dicionário não são uma imposição definitiva, mas uma proposta que contempla algumas características evidenciadas pelos participantes da pesquisa, que dentro de algum

tempo podem até mesmo passar a ver como relevantes outras características das imagens, modificando inclusive os próprios sinais (veja o sinal de barroco no DVD).

Este é um trabalho que implica muitos profissionais e toda a comunidade surda. Os professores, intérpretes, coordenadores, teóricos da educação de surdos estão envolvidos nestas questões que extrapolam o nível do lingüístico. No entanto, acredito que a definição dos sinais específicos deve ser feita pelos surdos, já que temos mais propriedade para definir os usos adequados das configurações de mãos, movimentos e contextos que devem ser levados em conta quando se fala em criação de sinais novos.

3.A CULTURA SURDA E O VOCABULÁRIO ESPECÍFICO

Para iniciar este capítulo penso que seja relevante dizer que, segundo a Federação Mundial de Surdos (FMS) a população Surda mundial está estimada em torno de setenta milhões de pessoas, sendo que, dessas, aproximadamente, quinze milhões se comunicam através de diferentes Línguas de Sinais. As Línguas de Sinais podem ser consideradas as línguas naturais dos Surdos, que se encontram relacionadas aos costumes e a cultura da comunidade Surda. Tais línguas emergem a partir de uma necessidade de comunicação entre as pessoas que, neste caso, utilizam a modalidade gestual-visual para se comunicar. Para Karnopp (2004), “as línguas de sinais existem de forma natural em comunidades lingüísticas de pessoas Surdas”.

No Brasil, a língua de sinais utilizada pelas comunidades surdas, principalmente nos centros urbanos, é denominada Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Cabe salientar que essa língua foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dos Surdos brasileiros, através de Lei 10.436/2002, conforme:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras - a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Lei 10.436/2002)

Recentemente, fora criado o Decreto de Lei 5.626/2005, o qual regulamenta a LIBRAS e estipula normas quanto ao uso dessa língua, a fim de garantir o apoio e comunicação necessária aos sujeitos Surdos. É importante destacar que o artigo 3º desse decreto institui que todas as licenciaturas devem ter no currículo a disciplina de Libras, conforme descrito a seguir:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino,

públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Decreto 5.626/2005)

A partir de ações como essa, acredita-se que a sociedade brasileira está começando a reconhecer a importância da LIBRAS para a comunidade Surda, bem como a importância dessa língua no que diz respeito à educação de Surdos.

Analisando, então, a lingüística de LIBRAS, muitos têm sido os estudos de lingüistas brasileiros, voltados para sua descrição, o que têm contribuído, imensamente, para destacar o seu status de língua natural. No entanto, não devemos esquecer que é na dinâmica das relações sociais com os usuários da LIBRAS que estaremos mergulhando na verdadeira corrente da comunicação verbal e colocando em prática os aspectos teóricos da língua.

Todos os usuários de uma língua conhecem milhares de palavras. Os usuários das línguas de sinais conhecem também milhares de sinais. Associar o sinal com o seu significado correspondente faz com que as pessoas identifiquem suas conceituações, representadas por um código gestual-visual, através dos sinais da língua. Pessoas surdas sabem, em virtude de seu conhecimento lingüístico, se uma cadeia de configurações manuais, movimentos e locação poderiam ser um sinal de sua língua. A estrutura dos sinais da Língua de Sinais Brasileira é complexa, apresentando algumas propriedades presentes nas línguas de sinais que não são encontradas nas línguas orais. A modalidade de produção e recepção lingüística é diferente. Surdos utilizam a modalidade gestual-visual enquanto ouvintes utilizam a modalidade oral-auditiva.

Segundo as lingüistas brasileiras, Karnopp e Quadros (2004), observa-se que o léxico não-nativo contém também palavras em português que são soletradas manualmente e essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira. De um modo geral todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras, que são consideradas empréstimos lingüísticos. Através da soletração manual, chamada datilologia, os surdos entram em contato com palavras da língua oral que não possuem correspondente em LIBRAS. Há uma estrutura organizacional dos falantes da língua que consiste na aproximação maior ou menor do cerne da disposição natural dos falantes. No núcleo estão os sinais nativos que obedecem a todas as restrições de boa formação dos sinais, e em direção à periferia estão os sinais estrangeiros,

sendo que alguns obedecem a algumas restrições de boa formação dos sinais, mas não a todas. Observa-se também que mudanças ocorrem através dos tempos quando os sinais vão ajustando-se às restrições de melhor estruturação da língua de sinais. Não há limites práticos para uma conversação em sinais exceto aqueles impostos pela memória, experiência, conhecimento de mundo e inteligência. Em relação a isso as línguas de sinais não são diferentes das línguas orais. A alegação de empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma situação sociolingüística marcada pela proibição e intolerância em relação aos sinais na sociedade e, em especial, na educação. Entretanto sabemos que tais línguas desenvolvem itens lexicais apropriados a situações em que são usados. Na medida em que as línguas de sinais garantem maior aceitação, especialmente em círculos escolares, registra-se aumento no vocabulário denotando referentes técnicos.

Para objetivar o conhecimento básico da lingüística aplicada em LIBRAS, entendendo-a melhor, e proponho a estruturação de novos léxicos de sinais para Artes ou mesmo observar e utilizar os sinais existentes para a construção do *“PEQUENO DICIONÁRIO REGIONAL DE LIBRAS PARA ARTES”*.

Enquanto no século XXI, a LIBRAS está começando a divulgar a sua importância enquanto língua perante a sociedade, tendo seu reconhecimento legal ocorrido há pouco tempo, as áreas, os temas, os conceitos e principalmente as disciplinas, as ciências em geral, vão tomando forma dentro desta outra maneira de se comunicar. É preciso estar atento para este processo, pois é importante além de adequar conhecimentos à estruturação visual-gestual também não esquecer que há toda uma questão identitária que permeará este processo.

Mesmo assim, é importante ressaltar que esta língua já vem há muito tempo sendo utilizada, mas pela falta de estudos e pesquisas sobre o assunto, sem a divulgação de sua real importância, a LIBRAS ficou “apagada”, restrita a seus usuários (surdos) e interessados (familiares, intérpretes, professores). Certamente isso se deve, em grande parte, por influência dos discursos clínico-terapêuticos, que exercem grande poder de persuasão sobre a sociedade em geral, e que resultaram na utilização de outras formas metodológicas de ensino no trabalho com alunos Surdos.

Podemos citar o oralismo e a Comunicação Total como decorrentes deste processo gradual de aceitação da surdez como fenômeno cultural e não clínico - movimentos que vieram transformando-se até os dias atuais, onde se fala em uma metodologia do Bilingüismo, respeitando a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua. É importante destacar que a educação de surdos é metodologicamente diferente da educação dos ouvintes. Por este motivo diversos pesquisadores realizam investigações da construção da aprendizagem pelo indivíduo Surdo, do qual se sabe que realmente adquirir conhecimentos através de sua língua natural.

O respeito à língua de Sinais para o surdo facilita o entendimento e a apropriação de conteúdos, mas ainda é muito restrito no que diz respeito às informações às áreas específicas, como no caso de Artes, onde, além disso, não há um foco metodológico voltado para as demandas dos surdos. O que existem são projetos locais e focos dispersos, que não têm como objetivo principal uma abordagem metodológica que trabalhe especificamente com a questão da Arte.

Portanto este trabalho tem como objetivo muito mais do buscar palavras que designem em Língua de Sinais aquilo que deve ser ensinado, mas com o suporte lingüístico será possível ampliar a discussão acerca da Arte e da Educação de Surdos. Tendo os sinais específicos o trabalho dos profissionais fica muito mais facilitado, pois existe a possibilidade de acessar conteúdos de forma mais rápida. Geralmente os mesmos, ao não conhecer um sinal, utilizam mímica ou exemplos com material visual. Não que isso seja ruim, mas não permite uma sistematização do trabalho e registro entre os surdos, por não haver construção de sentido suficiente para que o significante ganhe importância. Muitos surdos sabem fazer coisas relacionadas à arte, mas não sabem explicá-las. Isso é reflexo da falta de fluência dos professores que não dispõem dos recursos lingüísticos necessários. Além disso, também o trabalho dos intérpretes ficará muito facilitado, pois estes podem enriquecer mais a discussão dos surdos em seminários, palestras, onde os professores, já tendo os sinais específicos, podem levar adiante a discussão sobre o ensino de Artes e estabelecer novas relações.

3.1. CULTURA SURDA E VISUALIDADE

Lembro de sempre assistir televisão, desde que era pequena. Como era difícil decifrar o que era dito, principalmente por não haver legendas na maioria dos programas. Fui desenvolvendo uma percepção visual aguçada e até hoje, apesar de sentir a dificuldade de compreender tudo que é dito, consigo depreender muitas coisas do que é dito, por exemplo, nas novelas. Ocorre até mesmo que de vez em quando, em vez de minha mãe me ajudar, eu é que passo as últimas da novela. Isso ocorre em decorrência de que os signos emitidos pela novela são também visuais, facilitando minha interpretação, e quase sempre acerto.

A visualidade é o meio que os surdos dispõem para aprender e se relacionar com as coisas do mundo, visto que o meio de aquisição de informação obrigatoriamente passa pelo canal visual. Para ilustrar o dito lembro sempre de meus alunos da pré-escola que de vez em quando me olham e percebem se estou cansada, ou desestimulada. Como eles percebem isso? Através da visualidade, o recurso que possibilita que os surdos construam suas redes de interpretações, ou como diria Stuart Hall, suas *culturas*.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (1997,pg.1)

Dentro desta perspectiva de cultura, podemos depreender que os surdos são visualmente aculturados, e que suas experiências e interpretações não passam pelo crivo do significante sonoro. Parece-me que esta “alma” das coisas, que as anima, está sempre em relação umas com as outras, pois tratam de coisas conhecidas também pelos ouvintes, mas neles de outra forma, sob outros critérios de sistematização. A alma é a mesma, mas onde ela toca é diferente.

Assim como uma mãe reconhece os sinais do bebê que chora, ou que sabe o que o filho está pensando antes mesmo de ele falar, acredito que os sinais criados tenham a ver com o contato que os surdos têm com a gestualidade e a visualidade, por saberem o valor de um gesto, e de um sinal visual. Meu filho, que é um bebê, já começa a esboçar alguns sinais, pois já percebe que sou surda.

Ainda tratando sobre meu filho, que é um exemplo que me parece mais evidente por enquanto, vejo que os sinais entre ele e eu são muito sutis. Quando ele dorme, parece que eu sinto quando eu devo ir olhá-lo, e é assim com muitas mães surdas. Então a visualidade não diz respeito somente às coisas expostas à luz, há toda uma outra maneira de sentir o mundo que é necessário que seja explicitado. Na arte é assim também, há elementos que não dizem respeito ao que o artista viu ou ouviu, mas sim a um conjunto de sinais que fazem com que o artista e o expectador entrem em acordo sobre alguma sensação.

Essas novas maneiras de se conceber o conhecimento e como iremos dizer isso em palavras está fortemente relacionado ao que Stuart Hall chama de Revolução cultural. Não que a cultura surda seja um movimento em larga escala como foram movimentos artísticos, mas que faz parte de uma contingência histórica que remonta às marcas culturais locais como a emergência de novas vozes.

Estes são os novos “sistemas nervosos” que enredam numa teia sociedades com histórias distintas, diferentes modos de vida, em estágios diversos de desenvolvimento e situadas em diferentes fusos horários. É, especialmente, aqui, que as revoluções da cultura a nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro -- sobre a “cultura” num sentido mais local. (1997,p.

Também os surdos estão incluídos nessas novas maneiras de viver, pois têm acesso a outras novas tecnologias e outros pensamentos, estão dentro desta rede. Por isso não podemos pensar que os surdos estão em completa desvantagem em relação aos ouvintes. Os surdos estão produzindo novas maneiras de pensar, a saber, a maneira de pensar que é da visualidade, o que condiciona outros tantos efeitos na maneira de sentir e de pensar a poesia, a pintura, até mesmo a música.

Claro que a cultura surda está num estado um pouco atrasado em termos de acesso à educação e à cultura geral, mas este é um efeito provisório e não é de todo ruim, pois mostra que o mundo ainda pode produzir coisas inimagináveis, e que a cultura não é assim tão totalizadora por culpa das tecnologias. Não acredito que o mundo vá se tornar uma mistura homogênea que todos irão se entender, como se não houvesse alternativas e criação de coisas novas.

Aproximo-me da perspectiva dos Estudos Culturais e, seguindo a propagação da imagem como um elemento constitutivo das culturas contemporâneas, tomo a

cultura visual de forma a aproximar visualidade e visão de mundo da surdez. Para a arte-educadora Susana Rangel Vieira da Cunha (2005, p. 30), a cultura visual é uma tendência que vai muito além do que é propriamente visto, mas alcança um patamar de constituição do que é possível ver dentro da cultura:

Muito além de delimitar o objeto de estudo aos materiais visuais como as imagens, artefatos ou objetos visuais, esta abordagem reflete e analisa como o universo visual - aquilo que se vê - e a visualização - os modos de ver e as tecnologias da visão - nos constituindo.

Existem implicações pedagógicas neste processo de aprendizado dos modos de ver. Os surdos, por exemplo, somente dispõem da visão para aprender o que deve ser ensinado, então eles estão num registro privilegiado se pensarmos em visualidade. Os surdos precisam dos exemplos para aprender, precisam estar em contato visual com as obras de arte, e também devem aprender sua língua de maneira crítica, uma crítica que também é gestual-visual. Os surdos devem conseguir estabelecer relação entre o conteúdo visual das obras de arte e também relacionar com uma viso-gestualidade significativa, e isto é o que deve ser construído pelos professores. A visualidade é o principal meio de os surdos estabelecerem suas relações na sociedade.

Acho importante distinguir aqui a *visão* da *visualidade*. A *visão* seria a disposição meramente fisiológica do sentido de ver, e a *visualidade* seria a condição cultural da visão no seio da sociedade (Cunha, 2005). Por isso é necessário que os professores de surdos tenham consciência de que não basta indicar os objetos para os surdos, estes não irão depreender a importância dos códigos culturais apenas contemplando as obras, mas é necessário exemplificar, explicar em língua de sinais, atribuir um código ao referente e cercá-lo de sentido para que os aluno possam usufruir do arcabouço conceitual e experiência estética que envolve a Arte.

A direção do nosso olhar para uma cadeira de palha ou para a textura de uma tinta descascada na parede, por exemplo, está intimamente ligada com os repertórios de nossos contextos culturais e com os modos de aprendizagem formais e informais que temos contato, deste modo, o olhar de um botânico para uma montanha se diferencia do olhar de Cézanne ao olhar o *Mont Sainte-Victoire*. (Cunha, 2005, p. 30)

A maioria dos surdos não tem contato com a teoria da Arte nem com o que se tem costumeiramente como senso-comum a respeito da Arte. Lembro que quando

eu estava na faculdade minha irmã, que é mais nova que eu, conhecia muitos dos artistas que eu estava vendo pela primeira vez na graduação. Percebo que o ouvinte tem esse domínio. Então: será que os currículos dos surdos são assim tão diferentes dos currículos dos ouvintes? A ponto de alunos, que estão ainda no ensino médio conhecer ou ter ouvido falar nos artistas que eu conheci na faculdade? Então percebi que havia muito mais diferenças entre surdos e ouvintes do que eu havia imaginado! Talvez, e muito provavelmente seja isto, eu já tivesse algum dia tido contato visual com uma de suas obras, seu nome escrito em algum lugar, mas nunca havia se tornado significativo para mim, não fazendo assim parte de minha bagagem cultural.

É importante ressaltar que não adianta que os surdos apenas olhem as coisas. Claro que se eles olharem obras de arte eles irão depreender alguma coisa, mas não o significado que é compartilhado pelos ouvintes. Exemplifico: nos museus, ou na Bienal, os monitores que dão explicação para os visitantes têm um papel muito importante. Mas e se um surdo vai a estes locais? É muito difícil que um monitor saiba a Língua de Sinais.

Por isso acredito que as visitas a museus e exposições são muito importantes como recurso pedagógico com alunos surdos. Para fazer com que esta capacidade que os surdos têm de explorar visualmente os materiais e fazer dessa experiência um aprendizado é necessário que as explicações tenham sentido. Nas visitas eu acredito que isso ocorra muito, pois os materiais estão à disposição dos alunos para que eles possam efetivamente os experienciar.

Percebo que as identificações dos surdos com as questões relativas à arte são processos gradativos e não uniformes, pois é uma demanda que irá surgindo conforme forem sendo criados os sinais e haja envolvimento e interesse dos surdos. A aproximação dos surdos em relação à arte é algo que depende não somente do ensino, mas da construção de discursos sobre a Arte, o que atualmente parece ser bastante raso em termos teóricos. A cultura surda está em constante reformulação e acredito que os dizeres sobre a Arte estão em vias de se fazerem presentes por se tratar de um domínio da cultura geral que carrega um grande poder de modificação e questionamento do próprio ser. Segundo Hall (2000, p. 106):

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou

“muito pouco” - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade.

Neste sentido, os surdos que estão estudando em universidades, ou que estão dando aulas em Universidades, estão descobrindo diversos domínios do saber que para os ouvintes já parecia óbvio, mas que na Língua de Sinais estão ainda se construindo. Um dicionário de língua de sinais não é somente tradução de palavras, é uma verdadeira problematização de toda a cultura surda. A cultura surda se enriquece e ganha força quando se abre para novos domínios, assim como a própria cultura ouvinte tem muito a ganhar quando percebe que existem culturas emergentes que estão criando coisas novas com significados já milenares.

3.2. Artefatos culturais surdos

Considero como artefato cultural surdo, assim como Strobel (2008) não somente as formas materiais do que está diretamente envolvido na vida social dos surdos, mas também aquelas produções subjetivas que decorrem da diferença surda. Dentro dos Estudos Culturais, que é de onde se originam boa parte dos conceitos utilizados dentro dos Estudos Surdos, o conceito de artefato “não se referem apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”. Este conceito é importante em meu trabalho pois indica o quanto a produção de novos sinais está relacionada a um tipo de visão do mundo, um modo surdo de entender as relações com a arte, com a língua e a cultura. Por exemplo, se o conceito de *barroco* for ensinado a alunos surdos, como se dará a formulação do sinal correspondente? Isso certamente dependerá de um modo de ver e contemplar as obras barrocas e dar-lhes uma configuração adequada segundo critérios gramaticais da língua de sinais. No entanto se for um ouvinte o responsável por criar um sinal deste tipo, como ele fará? Será que ele tem condições e vivência suficiente para criar sinais de nossa língua?

O contato com surdos adultos é muito importante para a construção da identidade surda. As crianças surdas têm de construir a capacidade não somente de

repetir os movimentos da língua de sinais, mas também de criar e modificar a língua em uso. Existem relatos de numerosos conflitos entre surdos e ouvintes que se dá certamente pelas experiências de mundo diversas. O surdo tem um entendimento visual do mundo, enquanto os ouvintes têm a intervenção da dimensão auditiva. Se os alunos surdos estiverem somente em contato com professores ouvintes, terão dificuldade de olhar para si mesmos com naturalidade, pois verão sempre uma diferença radical em si próprios, uma impossibilidade de alcançar o que é o professor ouvinte, devido a falta de identificação de experiências. Strobel (2008), mostra que:

...a necessidade de refletirmos com seriedade na importância de trazer as crianças surdas ao contato com surdos adultos para criarem um vínculo identificatório cultural, a fim de evitar que esta habitual dúvida surgida com o olhar ao seu redor na vida cotidiana possa pesar nas suas reflexões e provocar futuras angústias e ansiedades. (p. 41)

Os sinais da LIBRAS são construídos de várias maneiras, mas sempre há uma lógica gramatical que dificilmente um ouvinte pode dominar a ponto de criar sinais. Por isso mostro na próxima sessão a reunião que eu realizei com um grupo de professores surdos e uma ouvinte, a fim de criar sinais específicos para serem compilados neste trabalho de conclusão. Por serem surdas, acredito que as professoras convidadas tenham uma experiência quanto as limitações que encontramos enquanto estudantes há tempos atrás e como professoras nos dias de hoje. Pode parecer estranho que uma decisão lingüística seja tomada em uma simples reunião, no entanto acredito que as contingências sociais atuais nos levam a este tipo de decisão, pois os surdos não podem mais esperar até que as coisas se formulem ao passo da história. É necessário que medidas sejam tomadas de maneira urgente, ou então os surdos estarão sempre em defasagem quanto ao aprendizado escolar.

Os artefatos culturais surdos são situações que emergem de contextos e modos de vida surdos, e que refletem em diversos níveis da vida social, entre eles a aprendizagem na escola. Embora eu acredite que não é somente aos professores que caiba este tipo de decisão, vejo a importância da instituição escolar tomando frente neste tipo de decisão, mostrando para os surdos o quanto a sua língua pode ser completa e explicar o mundo de maneira cada vez mais coerente e também o

quanto os surdos podem mostrar aos demais segmentos da sociedade o quanto ainda podem fazer pela cultura. Os surdos não estão dormindo, há uma grande reação iminente, e a língua é um destes artefatos que está mostrando o quanto de mudança ainda se verá neste mundo.

3.3. Arte e Linguagem

A Língua de Sinais é a forma como os surdos conseguem entender o mundo, os significados são construídos de maneira visual/gestual. Os significados são aquilo que dão sentido às construções gestuais, portanto devem ser adquiridos conforme se vai dando sentido aos sinais. Os surdos em sua maioria não têm contato com a Língua de Sinais em casa, por isso limitam o aprendizado de sua língua ao espaço escolar, o que dificulta muito a aquisição dos significados que para os ouvintes é relativamente simples, pois os ouvintes estão todo o tempo, se supõe, em contato com a sua língua.

Os surdos têm tanta capacidade de desenvolver a linguagem quanto os ouvintes. O processo de aquisição é “análogo ao processo de aquisição das línguas faladas” (Quadros, 1997, p.70), por isso a única questão que se deve tomar por diferenciado é o tempo de contato que criança surda tem com sua língua natural, a Língua de Sinais. Neste sentido compreende-se que além de a criança surda que somente tem contato com sua língua no espaço escolar estar em defasagem em relação à criança ouvinte, a falta de sinais que denotem significados é também um problema muito sério que deve ser sanado.

Os caminhos desta pesquisa não remetem somente a mim como pesquisadora, mas a mim como surda e outras pessoas da comunidade surda. Tive a idéia de realizar uma reunião com outros surdos que estejam envolvidos com a questão da Arte e verificar as demandas que eles acreditam que se tenha em relação aos sinais específicos da Arte. Acredito que isto seja importante porque os surdos que estudam ou estudaram Artes na faculdade, além de já terem tido a experiência do aprendizado da Arte na escola, também passaram pelo ensino superior e conhecem as demandas das formas de expressar conceitos.

Pensar uma língua de sinais é pensar o espaço em sua potencialidade lingüística, o que nós surdos fazemos é tornar o espaço *linguisticizado*. Oliver Sacks (1990,p.104) já havia destacado esta característica da Língua de Sinais:*A característica isolada mais extraordinária de Sinal - o que a distingue de todas as outras linguagens e atividades mentais - é o exclusivo uso lingüístico no espaço.*

Considerando que a língua materna dos surdos é a Língua de Sinais e que o português é uma língua segunda e aprendida posteriormente, vejo que os surdos estão em certa desvantagem quanto ao acesso às informações de modo geral. Isso parece se agravar quando se trata da instrução forma proporcionada pela escola devido ao fato de a maioria das produções científicas somente serem exploradas em língua de sinais quando os professores ouvintes fazem uma tradução dos livros didáticos.

Quanto à área da arte, isso parece ser ainda mais sério, pois os materiais didáticos são escassos também para os ouvintes, estão a quase totalidade dos conceitos abordados na sala de aula não são registrados, perdem-se, e são quase sempre esquecidos pelos alunos.

Sendo a linguagem construída social e culturalmente, entendo que os surdos que não estejam sendo contemplados com sinais específicos de conteúdos por vezes óbvios para as crianças ouvintes, estejam sendo excluídas, mesmo tendo um ensino em Língua de Sinais. Para Vygotsky (apud Sacks, 1990):

O desenvolvimento da linguagem e das faculdades mentais não são algo aprendido, no sentido comum, nem emergindo de forma epigenética, mas como sendo social e mediato na natureza, como decorrente da interação de adulto e criança e como a interiorização do instrumento cultural da linguagem para os processos de pensamento. (p. 65)

Apesar de meus alunos e eu mesma em meu período de escolarização, termos recebido uma instrução em língua de sinais e estarmos envolvidos em um contexto cultural surdo vejo que a instrução é deficitária a partir do momento que não se é capaz de estabelecer relações entre conteúdos simples do conhecimento da arte. A maioria dos professores das escolas de surdos são ouvintes, conhecem pouco a língua de sinais e têm dificuldade de compreender a cultura surda. Disto de corre que as situações de urgência em termos pedagógicos acabam não tendo

meios de ser expressas, pois os professores não estão envolvidos na estruturação da língua de sinais. Para compreender como se formula um sinal, como se dará a sua configuração, movimento e localização, é preciso estar muito imbuído da gramática visual-espacial, por isso acredito que um surdo deterá muito melhor o poder de formular um sinal novo de nossa língua.

Segundo Perlin (2000, p. 27-28), é necessário uma série de intervenções na educação dos surdos, das quais:

- Presença do professor surdo na sala de aula para contato com a representação de identidade surda, o que gera uma atitude positiva para com essa identidade;
- Professor ouvinte com domínio de língua de sinais e capacitado para o ensino de português como segunda língua, participante do movimento da comunidade surda, o que vai possibilitar a vivência, ou seja, a experiência cultural presente;
- Contato do surdo com a cultura surda, movimento surdo, expressões culturais surdas, o que facilita a sintonia dos estilos de ensino com o estilo de aprendizagem e motivação dos estudantes.

Esta citação da pesquisadora surda Gládis Perlin nos indica que podemos sim ter professores ouvintes ensinando surdos, mas estes devem estar capacitados para compreender as expressões culturais dos surdos. Somente desta maneira poderemos ter uma equipe de professores que, tendo membros surdos e ouvintes, possam respaldar as necessidades lingüísticas e culturais dos alunos.

3.4. Língua de Sinais e metodologias específicas.

Como referi anteriormente, os professores sentem grande falta de um material didático que trate especificamente da questão da Arte com surdos. Os materiais conhecidos pelos professores são restritos ao trabalho com crianças ouvintes, videntes, andantes. E as crianças surdas, cegas e cadeirantes? Os manuais didáticos empreendem uma visão amplificadora da arte como instrumento de crítica, sensibilidade e criatividade, no entanto restringem suas metodologias a padrões de normalidade. Num desses manuais encontrei definições bastante pertinentes para o

ensino de qualquer público, apesar de no livro estarem contidas estratégias que precisariam ser adaptadas para o trabalho com surdos:

Muitas vezes o aprendiz ainda não viveu situações positivas de aprendizagem em arte, e talvez tenha dificuldades em explorar e comunicar idéias de pensamentos/sentimentos, pode ter aprendido a apenas seguir a lição dos outros. Silenciado de seu próprio pensar/sentir, repetidor do pensamento de outro, esse aprendiz terá de ser envolvido na rede da linguagem da arte por outros caminhos (Martins, 1998, p. 130)

É exatamente como sinto as aulas de artes para surdos, como se os alunos estivessem apenas repetindo ações ordenadas pelos professores sem compreender nem sentir nada do que está sendo dito. Acredito que isso se deva à falta de linguagens apropriadas para expressar a experiência que tem o surdo na situação de aprendizagem. É uma questão de linguagem e de sutilezas, que através das designações se vai desvelando progressivamente no trabalho em sala de aula. Os alunos devem apropriar-se do vocabulário, mas também sentir cada significado como se estivessem tirando véus da frente das obras artísticas, tendo cada vez mais a capacidade de com elas se relacionar e fruir. Ainda Martins (1998, p. 136):

A linguagem visual também pode ser revelada à criança através de um sensível olhar pensante. O olhar já vem carregado de referências pessoais e culturais; contudo, é preciso instigar o aprendiz também para um olhar cada vez mais curioso e mais sensível às sutilezas.

A curiosidade somente é despertada quando há algo nosso na coisa a ser conhecida, isto é, precisamos nos sentir tocados de alguma forma e a forma de instigar a curiosidade em alunos surdos é fazê-los poder discorrer sobre as coisas em sua própria língua, neste sentido a execução de um dicionário entrevê um trabalho muito maior no futuro, quando os professores deverão ser capazes de buscar linguagens que atinjam os alunos e os provoquem.

4. A INVESTIGAÇÃO

Para a elaboração deste Projeto, transito por diferentes áreas do conhecimento. A Pedagogia, os Estudos Culturais em Educação e os Estudos da Lingüística embasam a construção teórica do “*PEQUENO DICIONÁRIO REGIONAL DE LIBRAS PARA ARTES*”. Também os conhecimentos na área da Informática são importantes, visto que o dicionário em si será estruturado de forma digital, pois seu objetivo principal é dar suporte tecnológico para o mesmo seja utilizável, futuramente, em sala de aula por alunos Surdos.

O objetivo principal desta pesquisa é proceder a uma análise das palavras e sinais que se referem aos Surdos, presentes nos conceitos das Artes e suas manifestações, focalizando os sentidos produzidos, investigando criando e/ou mantendo os novos sinais para um material de apoio didático. Além dessa investigação, pretende-se registrar os sinais produzidos em Língua de Sinais em comunidades Surdas escolares, com o objetivo de discutir também os conceitos recorrentes da Arte Educação, podendo ser utilizada como recurso de ensino, tanto nas escolas quanto nas universidades.

A investigação procedeu a partir de várias instâncias: a minha experiência pessoal, a entrevista com professores e intérpretes e também uma reunião realizada com três professoras surdas e uma ouvinte. A partir dos dados coletados foi elaborado o dicionário digital e feitas as considerações do ponto de vista conceitual.

Deste modo a criação deste dicionário, com base nos sinais que já são usados nas escolas ou nas universidades, virá a facilitar a compreensão dos conceitos das Artes para a comunidade surda em geral. No caso de inexistência dos sinais referentes a conceitos de Artes, a proposta é criar/ propor novos sinais.

Pretendo registrar os sinais artísticos, para ajudar os Surdos a entender o significado. Assim, como escreve Stumpf (2002, p. 62):

A criança ouvinte, quando vai para a escola, já conhece o significado das palavras. Quando ela aprende a ler, sabe o que as palavras significam, pois o português escrito apresenta características da fala, assim como se fosse um retrato. Quando aprende a ler, a criança ouvinte vê esse retrato e o reconhece. Por outro lado, a criança surda não ouve a fala da família. Então, ela vai para a escola, aprende a ler, mas não consegue entender o que as palavras representam, ela não consegue reconhecer o retrato porque antes não ouviu a palavra associada à ação ou ao objeto. Por isso, o surdo parece sabe ler mas não entende o significado.

4.1. OS PROFESSORES DE SURDOS - OUVINTES

Sendo assim, esta pesquisa está organizada em algumas etapas. Primeiramente, fora realizado o contato com algumas instituições onde se atua com alunos Surdos, em Porto Alegre e Região Metropolitana. Nestes locais fiz contato com os profissionais que trabalham na disciplina de Artes, profissionais surdos e ouvintes, que aceitaram participar da construção do “*PEQUENO DICIONÁRIO REGIONAL DE LIBRAS PARA ARTES*”. Realizei as entrevistas¹ com os professores em seus locais de trabalho, isto é, dentro das escolas, sendo que apenas com uma delas consegui realizar a entrevista dentro da sala de aula, sendo que as entrevistas foram filmadas. Foram três as entrevistadas, tendo todas elas formação em Artes Visuais. Duas delas estão há mais de 15 anos atuando como professoras de surdos e apenas uma tem tempo de experiência inferior a 10 anos.

Das entrevistas com estas professoras percebi que a grande dificuldade é propriamente em relação à aquisição da língua de sinais. Apenas uma delas, que também é intérprete, tem facilidade em se expressar na entrevista. As outras duas professoras têm dificuldade em responder as perguntas utilizando uma língua de sinais clara, apesar de uma delas estar atuando como professora de surdos há quase 18 anos. Claro que compreendo que neste caso, esta professora passou por

¹ As transcrições das respostas das entrevistas estão em anexos

várias fases da educação de surdos, desde uma época onde não se aceitava completamente a língua de sinais.

As professoras geralmente se apóiam nos próprios alunos para aprender os sinais que desconhecem, o que acredito que pode gerar certa defasagem para os alunos, pois em vez de estarem recebendo uma educação em sua língua, ainda por cima têm de ajudar o professor que não compreende a LIBRAS.

Quanto a estes professores, acredito que não bastará apenas o apoio de um dicionário de LIBRAS para Artes, mas sim um aprendizado mais intenso da Língua de Sinais. Um material didático desta natureza apenas auxilia na designação de conceitos, mas não ensina as regras de seu uso. Portanto se faz necessário, para pelo menos duas destas professoras, um curso mais aprofundado da LIBRAS para que o dicionário seja utilizado adequadamente.

Em um segundo momento, foi enviado aos profissionais das disciplinas de Artes em escolas de Surdos um roteiro de perguntas, com o objetivo de traçar um perfil destes profissionais, como também, de fazer uma pré-listagem dos termos e significados mais comuns utilizados no cotidiano da disciplina. A partir destes questionários pude constatar que o grande impedimento era realmente a Língua de Sinais, já que nas respostas aos roteiros os professores se mostraram muito mais fluentes. Segundo as respostas, o que realmente impede que os profissionais atuem de forma adequada é a língua de sinais escassa. Outro ponto importante de destacar e que me fez pensar projetos mais elaborados para o futuro, foi o fato de não haver praticamente contato entre os professores de artes para debater assuntos relacionados à sua disciplina. Neste ponto eu tive a idéia de realizar um encontro estadual onde os professores possam trazer suas questões e refletir sobre as estratégias de ensino de Artes para surdos.

Das entrevistas realizadas com os professores ouvintes pude reiterar todas minhas suspeitas em relação à importância da atuação de professores surdos junto aos alunos. Pois percebo que os professores têm uma boa formação acadêmica, detêm todos os conhecimentos necessários para uma boa atuação, no entanto não conseguem articular estas questões na própria LIBRAS, o que é um grande problema para os alunos que esperam ter um ensino adequado em sua própria

língua. Os professores ouvinte podem sim trabalhar com alunos surdos, mas é preciso que detenham a LIBRAS em sua totalidade.

4.2. Profissionais Surdos

Também convidei alguns profissionais surdos com formação superior e pós-graduação, conhecidos por sua atuação e pesquisas nas áreas lingüística e artística. Foram convidados, ainda, alguns instrutores surdos de LIBRAS e alguns intérpretes de Língua de Sinas, conhecidos por sua competência e atuação dentro da comunidade surda regional, para participar da fase final de construção do dicionário, onde os sinais foram avaliados, reformulados, filmados e registrados.

Este suporte mais amplo dos participantes da comunidade surda é muito importante pois os sinais criados serão divulgados e utilizados por todos os membros da comunidade. O criador do *software* do dicionário também teve uma participação efetiva, pois dispôs visualmente a tela do dicionário de maneira fácil e acessível, com uma lista à esquerda contendo todos os conceitos e do lado direito da tela a demonstração do sinal. Também no centro da tela mais abaixo há uma imagem que dê a demonstração do que está sendo sinalizado. Veja o exemplo abaixo:



Figura nº 1 – Interface do dicionário

Dentro do mesmo *software* foram incluídas as entrevistas realizadas com os professores e com os intérpretes. Veja abaixo:



Figura nº2 – Entrevista professora



Figura nº3 – Entrevista Interpretes

4.3. Reunião com professores surdos

A decisão dos sinais que devem ser criados foi um levantamento efetuado de várias maneiras. Em primeiro lugar veio a minha experiência pessoal ao longo de minha formação, onde encontrei diversas lacunas quanto aos sinais específicos da arte. Em minha formação acadêmica tive por diversas vezes que combinar sinais provisórios com os intérpretes que me acompanharam, a fim de agilizar a tradução das aulas. Também em minha atuação como professora, percebi que apesar de os alunos compreenderem minhas explicações, eram necessários novos sinais para que os alunos realmente se apropriassem de conteúdos. No trabalho dos intérpretes eu via sempre um esforço muito grande em explicar conceitos, mas que depois quando eu ia remeter algo em minha escrita, era difícil para eu recordar dos conteúdos especificamente, através de sinais que estivessem bem relacionados a significados.

Em segundo lugar a decisão dos sinais que deveriam ser criados foi discutida com três professoras surdas da área da arte que estão na mesma situação que eu, pois detêm conceitos em língua Portuguesa, mas não em LIBRAS. Estão eu decidi

fazer uma reunião para discutir este assunto com as duas, já que elas têm condições de ajudar neste processo, que não deve ser uma escolha arbitrária e particular. Reuni estas três professoras surdas na Faculdade de Educação da UFRGS para fazer um levantamento e inclusive descobrir se porventura elas conhecem alguns sinais que eu mesma não conhecia.

Esta reunião foi um acontecimento fundamental na minha pesquisa, pois mostrou de forma dialógica que existem possibilidades de criação de novos sinais e que estes devem ser discutidos de forma ampla pelos surdos, não somente na área da arte, mas também em todas as disciplinas. Isso acompanha a noção de língua como algo em construção e coletiva, pois acredito na capacidade de transformação de uma língua devido o seu caráter social.

Combinei um dia na faculdade de Educação da UFRGS uma reunião com quatro professoras: três surdas e uma ouvinte. Das professoras surdas que participaram da reunião duas são formadas em Artes Visuais e uma em Pedagogia, tendo feito também mestrado em Educação abordando a temática da arte com crianças surdas. A professora ouvinte é também intérprete de LIBRAS e é formada em Artes Visuais.

Solicitei que elas me ajudassem a elencar sinais que julgassem importantes que fossem criados. Todas elas são pessoas que passaram pela experiência da falta de sinais específicos: as três surdas em toda a sua formação e a ouvinte enquanto professora e intérprete.



Figura nº4 - Acervo Pessoal



4.4. Sign Writing

No software que contém o dicionário, achei ser importante destacar o registro dos sinais como algo que os alunos possam deter de maneira indelével. Neste sentido o sistema *Sign Writing* é uma alternativa de registro quando não se dispõe de meios tecnológicos apropriados. Já há algum tempo que os alunos de escolas de surdos têm tido aulas para aprender o registro da língua de sinais. *Sign Writing*: literalmente, escrita de sinais. É uma forma de não depender apenas do vídeo para que o registro seja efetuado.

A escrita é o resultado do conhecimento acumulado ao longo dos anos, sendo expressa através de diferentes representatividades: desenho, sinais gravados, e letras. A escrita como sistema de exprimir graficamente a linguagem, acelerou todo o processo da construção da cultura. Com isso percebemos que a representatividade gráfica faz parte da cultura de cada comunidade.

Sabendo-se que o letramento vai além da alfabetização entendemos que a função social da escrita só é concebida na mediação da convivência e do diálogo entre seus pares, valorizando as experiências de vida e de linguagem das crianças.

Entre crianças surdas a LIBRAS permite que a função social seja praticada, porém não podemos procurar a resposta da aquisição desta em teorias de alfabetizadoras como Teberosky, uma vez que a mesma pesquisa uma língua auditivo-oral. Quadros (1997) alerta que “(...) a escrita alfabética da língua portuguesa no Brasil não serve para representar significação com conceitos elaborados na LIBRAS, uma língua visual espacial”. Com isso percebo a grande importância de ser aprimorado o estudo do sistema de escrita de sinais nas escolas. Não como um substituto da escrita em português, mas como uma alternativa e pesquisa da língua de sinais como parte de uma cultura diversa, que com seus diversos aportes tecnológicos, entre eles o sistema *Sign Writing*, pode ajudar a aprofundar questões de acessibilidade e ensino de surdos.

Percebemos que a modalidade da língua tem uma grande influência na aquisição da representatividade gráfica, ou melhor, na escrita da mesma. Segundo Capovilla (2004,p.258) a criança surda encontra-se numa situação peculiar já que se encontra numa situação onde os sistema primário e secundário de representação lingüística são diferenciados, pela modalidade e estrutura das línguas.

Com base nisso, Stumpf (2005) nos sugere que a criança surda precisam representar sua língua, que neste caso é visual-espacial. A escrita de sinais é um sistema de escrita direta de sinais, ou seja, representação do sistema primário de comunicação da Língua Brasileira de Sinais.

O sistema SignWriting que representa as unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações tem como ponto de partida a língua materna dos surdos: a LIBRAS.

O sistema da escrita de sinais foi baseada no sistema SignWriting criado em 1974 por Valerie Sutton (<http://www.signwriting.org>). É um sistema de representação gráfica das línguas de sinais que permite através de símbolos visuais representar as configurações das mãos, seus movimentos, as expressões faciais e os deslocamentos corporais. Neste sentido é muito notável a contribuição que este sistema teria para a área da Arte Educação, na medida em que os movimentos possam ser incorporados na própria escrita, isto é, o registro dos sinais poderiam por si só consistir em expressões artísticas, gestuais, dramáticas.

O sistema tem três estruturas básicas: posição de mão, contato e movimento.

A posição de mãos define 10 configurações de mãos básicas, que são agrupadas de acordo com os dedos, e tem a mão fechada, circular aberta, paralela ou perpendicular ao chão.

Itens da estrutura

Posicionamento dos dedos das mãos com a grafia correspondente no sistema SignWriting.


Grupo 1		Indicador
Grupo 2		Dedos indicador médio
Grupo 3		Polegar indicador médio
Grupo 4		Quatro dedos
Grupo 5		Cinco dedos
Grupo 6		Dedo mínimo
Grupo 7		Dedo Anular
Grupo 8		Dedo médio
Grupo 9		Indicador polegar
Grupo 10		Polegar

Figura nº 6-Grupos Sign Writing

Os movimentos podem ser classificados em duas categorias: movimento de dedos e de mãos.







		Punho Fechado
		Punho Aberto
		Mão Plana

Figura nº 7 – Movimentos mãos







		Mão Indicadora
		Mão - D
		Mão Aberta

Figura nº 8 – Movimentos dedos

Contato: existem seis formas de representar o contato dos elementos que compõe o sinal, seja mão com mão, mão com corpo, mão com cabeça. São eles: tocar, pegar, bater, esfregar, escovar e entre dois elementos.

4.5. Linguagem e poder surdo

Dentre as maneiras de pensar a importância do estudo de sinais específicos no sentido de solucionar questões didáticas de campos específicos, cito o fato de os surdos tornarem-se hábeis em sua língua, assim como um poeta o é no domínio das línguas orais. Ter sinais que indiquem estados, emoções, conceitos, formas, impressões, possibilita também que o surdo selecione imagens distintas, exerça sua língua com autoridade, com destreza, com poder de decisão sobre o dito e a busca

pelo não dito. Poder ter ferramentas de discussão é mais do que instrumentalizar o surdo, mas é potencializar a linguagem e seus meio de expressão. Hessel (2007) afirma que a curricularização da Língua de Sinais significará um *empoderamento* dos surdos. Avançar os estudos na língua de sinais parece ser realmente uma ocupação que os surdos passarão a fazer por deter alguns conceitos a mais, e parece que os Estudos Surdos só poderão se perpetuar se puser em uma prática efetiva de criação de sinais e maneiras de expressar os diferentes domínios da ciência e da estética.

Mas este processo de empoderamento através da linguagem não se reduziria à quantidade de sinais de que os surdos irão dispor para argumentar, senão que estes sinais “criados” para a compreensão dos surdos são um primeiro salto em direção às eleições dos objetos interessantes para os surdos. Conhecendo os códigos mínimos da intelectualidade, os surdos poderão criar suas próprias maneiras de encarar a linguagem, o mundo e os signos que nele estão contidos em direção a um “Estudo Surdo”.

A arte tem um papel de destaque neste empoderamento porque mais do que pensar a linguagem, permite que os surdos *sintam* a linguagem. Nomeando diferentes formas de expressão, os surdos irão conseguir tomar frente no estudo de sua própria língua.

CONSIDRAÇÕES FINAIS

Este estudo constituiu o início de uma reflexão acerca do vocabulário artístico em LIBRAS e também a continuidade de uma série de reflexões sobre a língua que vem se consolidando nas últimas décadas nas comunidades surdas.

Acredito que esta proposta de dicionário seja uma intervenção pedagógica importante para a difusão da língua de sinais e como um parâmetro do estudo da Arte entre os surdos. Acreditando que a arte não responde aos mesmos critérios de avaliação e de consumo entre os surdos em relação ao que os ouvintes pensam e discutem sobre a arte, esta pesquisa é como um primeiro encontro com questões que podem servir para pensar a educação e a cultura surda de uma maneira mais ampla. Os ouvintes têm diversas implicações para a arte ao nível do pensamento, do saber, da metafísica, da experiência; certamente os surdos também irão se apropriar da gama de assuntos que podem decorrer da estética, da pintura, da música, mas por ora a criação de sinais específicos parece ser o que mais se faz urgente. Devido a séculos nos quais os surdos viveram em quase total obscuridade em relação aos conceitos mais profundos do pensar sobre a arte, acredito que a discussão mais imediata sobre o vocabulário não seja uma questão superficial nem paliativa. Ao contrário, ao conseguir imputar práticas mais refinadas de discussão e teorização, os surdos poderão ter uma grande mudança em vista.

Ao debater com professores ouvintes e surdos pude perceber a enorme discrepância entre as escolas e o conhecimento aprofundado da arte, isso devido ao fato de não haverem meios de expressar os conteúdos. Os professores ouvintes não dispõem de meios de expressão, não por não terem capacidade, ou por não possuírem essencialmente algo que é inerente somente aos surdos. O que percebo é uma despreocupação histórica unida ao preconceito lingüístico, que resultou na impossibilidade de os ouvintes perceberem e pensarem a educação e seus

conceitos a partir de uma visão surda do mundo. Ou seja, os professores que acabam dispondo desses meios para pensar a educação são mesmo os professores surdos, que ao tomarem frente do pensamento educacional dos próprios surdos, sentem na pele as impossibilidades lingüísticas que afligem as comunidades surdas no mundo.

Estas impossibilidades se transformam em possibilidades quando a arte e a teoria são pensadas na língua gestual-visual, quando a formulação dos enunciados começa a ser registrada na língua de sinais. Certamente há toda uma história de apagamento cultural que deve ser revertido, e não será apenas através de um dicionário que isso será efetuado. É preciso que estes sinais sejam lidos, discutido e reformulados sempre, para que a prática da língua, o uso dos sinais seja ostensivamente trabalhado nas escolas e associações.

A divulgação deste dicionário não pode se restringir ao meio acadêmico, pois deve responder à necessidade da comunidade surda no sentido de um empoderamento progressivo em relação ao saber. A língua é um meio de defesa, saber se expressar possibilita para os surdos estar frente a frente com as possibilidades que têm como cidadãos, aprender os desdobramentos de sua própria língua significa, portanto, que os surdos se tornam *mais humanos* e reforçam sua posição de ser em meio aos outros seres humanos. Tendo meios de representar suas idéias os surdos se tornam mais livres.

REFERÊNCIAS

ACESSIBILIDADE BRASIL. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais**. Versão 2.0. 2005.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação lexical**. 2 ed. São Paulo: Il Editora Ática, 1994.

BRASIL Decreto-lei n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a regulamentação de Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm
Acesso em: 20/05/2008.

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 Dispõe sobre a Libras. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm Acesso em: 20/05/2008.

CAMPOS, M. B.; LATTUADA, A.; BRAGA, L. **SIGN TALK: um bate-papo entre Surdos e Ouvintes**. In: VIII Simposio Brasileiro de Informática na Educação, 1997, São José dos Campos. SBIE'97, 1997. v. 1. p. 1-10.

CAPOVILLA, F. C., & RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico ilustrado trilingüe**

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Apontamentos sobre a cultura visual**. In: Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação - Montenegro: Ed. Da Fundarte, 2005.

DUARTE, Paulo Araújo. **Fundamentos de Cartografia**. 2 ed. Florianópolis: UFSC, 2002.

FEDERACÃO MUNDIAL DE SURDOS (FMS). Disponível em: <http://www.wfdeaf.org/> Acesso em: 20/05/2008.

GUERRA, M.T.Telles, MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa. **Didática do**

ensino da arte: a língua do mundo. São Paulo: FTD,1998.

HAAL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. In: **Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e educação.** V.22 n.3 jul.-dez.1997.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais na Educação dos Surdos.** In: Thoma, Adriana da Silva; Lopes, Maura Corcini. (Org.). A invenção da surdez. 1 ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVEIRA, Carolina Hessel. O currículo de Língua de Sinais e os professores surdos: poder, identidade e cultura surda. In: **Estudos Surdos II.** Quadros, Ronice Miller; Perlin, Gladis (org.) Petrópolis: Arara azul, 2007.

STUMPF, Marianne Rossi. **Transcrições de Língua de Sinais Brasileira em signwriting.** In: Letramento e minorias/ Organizadores: Lodi, Ana Claudia B. Harrison, Kathryn M. P.; Campos, Sandra R. L. de; Teske, Ottmar. Porto Alegre: Mediação, 2002.

ANEXOS

ENTREVISTAS COM PROFESSORES - TRANSCRIÇÕES DAS FILMAGENS

Tiziane:

"Sou professora e trabalho no Frei Pacífico. Sou professora da disciplina de Artes. Eu percebo que faltam sinais das palavras próprias das artes para ensinar os alunos. Acho importante inventar um dicionário com os significados das palavras da área de artes para ensinar melhor os alunos. Para aprender e fazer trocas de sinais".

Mariângela:

"Oi. Meu sinal é este. Sou professora na escola Keli M. Machado. Sou professora de artes de também de educação física, mas minha formação é em educação física. Estou lecionando artes, porque não tem professor especializado em artes. Eu sempre procuro, leio materiais em busca de sinais, mas é muito difícil por não ter sinais específicos. Continuo procurando, mas ainda é muito difícil".

Adriana:

Antigamente, quando eu era professora de Artes, em uma escola de surdos, não havia muitos sinais para designar coisas da disciplina. Pintura, desenho, gravura, eram sinais que existiam. Mas outros sinais não existiam. Era preciso mostrar o livro, explicar, e com o tempo foram sendo criados novos sinais. Artista, exposição, são sinais que apareceram, mas sinais mais profundos e específicos continuam não existindo. Na História da Arte faltam muitos sinais. Por exemplo, como vou explicar um estilo de pintura diferente? Não existem sinais. Não há, é preciso sempre mostrar o livro e explicar, explicar, mas o sinal não tem. Abstrato tem, mas realista (digitaliza) não tem.

Miriam:

Olá, este é o meu sinal, meu nome é Miriam, sou professora de artes da Concórdia. Dou aula lá desde 2000, já são oito anos. No início eu não sabia nada de sinais. Mas os alunos me ensinaram muito, me apoiaram. Eu pensava: como vou ensinar se não sei os sinais, se não tem as palavras para designar as coisas referentes à arte? Eu pedia que eles me ensinassem, por exemplo, escultura, como eu faria? Então os alunos me ensinavam. Os sinais de pintura, de desenho. Como fazer? Eu tinha medo, não conseguia me comunicar. Então no início eu fiz curso de LIBRAS para aprender os sinais. Mas o contato com surdos é muito importante. Para se comunicar melhor com os surdos. Precisa das palavras que pertençam à disciplina. Junto com os alunos, criando, aprendendo, isso é importante.

Zenaide

Sou professora aqui na escola Padre Réus, ensino Artes. Dou aula aqui há mais ou menos 18 anos. Comecei dando aula para séries finais do primeiro grau e para o segundo grau. É difícil ter “palavras”, não tem. Tem “palavras” fáceis, como desenhar, pintar, colar, recortar. Eu ensino os alunos a fazerem o sinal. Meu sinal é este, meu nome é Zenaide. Aqui na aula tem muitas coisas. Pode fazer, pode construir, organizar, combinar, fazer trabalho sozinho. Cada um tem o seu jeito de fazer o seu trabalho, de maneira livre. Também se combina trabalho em grupo, de duplas, de trios. Cada um traz suas idéias, são livres para isso. Também eu explico, mostro, dou exemplos, depois os alunos precisam pensar como irão fazer os trabalhos. Dependendo da idade eles fazem trabalhos mais fáceis ou mais difíceis.

ENTREVISTAS COM INTERPRETES - TRANSCRIÇÕES DAS FILMAGENS

Adriana:

"Eu sou intérprete oficial de língua de sinais. Trabalho em universidade já há muitos anos como intérprete oficial. Já traduzi na faculdade o curso de Artes. Fui atrás de sinais e não encontrei. Não tinha. Muito difícil, porque tinha que usar a soletração manual muito freqüentemente. Assim fica difícil do surdo entender o significado da palavra. No ensino fundamental e médio é mais fácil, pois é o básico do ensino de artes, mas na universidade é outro nível. É mais profundo, por isso precisa explicar. É nessa hora que falta sinais. Precisa-se fazer uma pesquisa para criar esses sinais oficiais."

Daniel:

"Oi meu nome é Luis. Esse é o meu sinal. Eu sou intérprete e trabalho em universidade. Eu percebo que não tem sinais. Faltam sinais específicos na área de artes. Tendo em mente que na faculdade se tivesse sinais certos e objetivos. Penso que no futuro os que estão cursando universidade se formariam na graduação, mestrado ou doutorado e, quando forem para as escolas ensinar as crianças, eles divulgarão estes sinais. Ou mesmo que nas escolas não se chegue ao nível de graduação estas crianças vão saber onde ter acesso a estas informações e vão correr atrás. Eles vão querer saber mais sobre os sinais e entrar em contato com a área. Porque os ouvintes já têm estas informações prontas. Os surdos não, por isso que acho importante sim a criação de um dicionário com os sinais."

Marlei:

"É verdade. Eu já tive experiência em traduzir uma disciplina de História da Arte na universidade. Agora estou tendo a experiência de traduzir diferentes disciplinas na área em nível de pós-graduação. Eu percebo que faltam sinais, porque como você

vai explicar as palavras, os conceitos? Precisa criar um sinal próprio, porque ao fazer o sinal o surdo já entende o conceito por traz dele e fica mais claro. Também, porque para a prática de tradução é mais ágil o sinal do que a soletração datilológica. O que acontece muito é de ter muitas palavras que não tem sinal. É a gente acaba tendo que soletrar. É muito cansativo tanto para o intérprete como para o surdo. Então eu acho importante a criação de sinais específicos e a divulgação deles através de um dicionário para que o surdo possa entender claramente o conceito. Seria muito bom."

Luciana:

"Meu nome é Luciana. Meu sinal é esse. Eu já traduzi na Ulbra e já fiz tradução de curso de Artes. É verdade, é muito difícil encontrar sinais próprios da área. Esse tema na universidade é muito difícil porque não tem sinais próprios. Precisa os surdos combinar alguns sinais próprios, mas eles até combinavam só que não eram oficiais. Precisa procurar muito, porque os ouvintes tem materiais prontos. Os surdos não têm material disponível com sinais que pode escolher na hora. É verdade. É muito difícil traduzir artes."

Denize:

"A disciplina de artes é muito importante tanto para surdos como para ouvintes, mas no caso dos surdos tem um problema de comunicação. Faltam alguns sinais. Eu já trabalhei como intérprete na Ulbra no curso de Artes e foi muito difícil, porque o surdo não consegue entender o significado verdadeiro da palavra/conceito. Falta o sinal. Assim, não conseguem aprofundar no entendimento do conceito. Os ouvintes já estão acostumados desde pequenos com estas informações, mas os surdos não. Primeiro, faltam profissionais surdos formados na área dentro das escolas. Também, falta intercâmbio ou trocas. Falta um grupo de surdos discutir o significado dos conceitos. Isso é importante, porque a artes está implícita à cultura geral da humanidade. Não é presente na cultura surda, porém também é importante estudar a cultura surda como, por exemplo, os artistas os poetas e os desenhistas surdos. Estes também são um modelo. Para mim o principal é ensinar os sinais para que os surdos possam ter acesso e poder discutir o assunto "artes".